

JUVENTUDE, TECNOLOGIA E ESCOLA: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Dirce Djanira Pacheco Zan Violar

Doutorado em Educação pela
Universidade Estadual de
Campinas, Brasil (2005).
Professora MS3 da Universi-
dade Estadual de Campinas ,
Brasil.

Nos últimos anos constatamos um agravante quadro de evasão no ensino médio brasileiro. Em pesquisas recentes, jovens, na faixa etária de 15 a 17 anos, declaram não ter interesse pela instituição escolar. Neste texto pretendemos analisar como uma das hipóteses para compreender este quadro, a relação contemporânea dos jovens com as tecnologias, especialmente, a internet. Apontamos, a partir de pesquisa realizada em escola pública na cidade de Campinas (SP), possíveis impactos do uso dessas tecnologias na relação destes sujeitos com o conhecimento e a instituição escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Tecnologia. Escola. Ensino médio. Relação com o saber.

1 Introdução

Neste texto objetivamos refletir acerca de possíveis impactos na relação dos jovens com a instituição escolar, em especial, com o saber valorizado e veiculado na escola a partir de sua inserção no universo das novas tecnologias.

O processo de ensino-aprendizagem, segundo Charlot (2001), ocorre numa perspectiva relacional, ou seja, se dá numa relação entre o movimento interno do desejo por aprender, denominado pelo autor de mobilização do sujeito e a demanda externa para esta aprendizagem, nomeada de motivação. Sendo assim, é possível afirmar que para a compreensão deste processo é necessário superar a separação, muitas vezes presente no discurso pedagógico, entre o sujeito-desejo e o sujeito social. Faz-se, também, necessário ampliar a compreensão do social que é tomado, a partir do referencial teórico de Charlot (2001), enquanto atividade e não apenas como um conjunto de posições de classe, de gênero ou de etnia. Desta forma, pode-se superar uma tendência clássica do pensamento pedagógico que atribui a características ou traços individuais o interesse ou não pela aprendizagem, principalmente, pela aprendizagem escolar.

Para Charlot (2001, p. 28) toda relação com o saber é singular e social, ou seja,

[...] isso significa que não há igualdade social dos sujeitos para se ter acesso aos saberes (e aos ‘aprender’) e para se estabelecer relações com o saber que eles implicam. Mas isto significa igualmente que também não existe determinismo social – porque o sujeito social é singular e porque a normatividade da atividade não se confunde com sua normalização.

Desta forma, parece fazer sentido problematizar de que forma a relação dos jovens com o saber escolar tem se modificado em razão das transforma-

ções recentes que têm marcado o contexto sócio-cultural brasileiro, especialmente no que se refere à difusão do uso de novas tecnologias.

É recorrente ouvirmos no interior das escolas ou em outros espaços e instituições sociais a máxima, tomada por muitos como verdadeira, de que os jovens de hoje são desinteressados e “não querem saber de nada”, ou que “não lêem mais e não têm mais nenhum interesse pela escola”. Neste texto, ainda de forma embrionária, procuramos levantar alguns aspectos que consideramos relevantes para a problematização desta questão. Pretendemos, aqui, ressaltar alguns aspectos de um quadro de transformações profundas vivenciadas pela sociedade contemporânea e que atingem, de forma especial, estes sujeitos, gerando impactos na relação entre os jovens e a instituição escolar, em especial, com os saberes veiculados e valorizados pela escola.

Nos últimos 30 anos a ascensão dos movimentos sociais colocou na cena política novos sujeitos cujas reivindicações e demandas interferiram fortemente nas agendas de reformas definidas no âmbito do processo de transição do regime ditatorial-militar para a chamada “normalidade democrática”. Segundo Dagnino (1994) é possível reconhecermos que desde os movimentos sociais dos anos de 1980, ampliou-se no país a concepção de cidadania, que não está mais limitada às conquistas legais ou ao acesso de direitos previamente constituídos, mas que atualmente, inclui também a invenção, a criação de novos direitos. A autora enfatiza que ao se entender a noção de cidadania como construção histórica, definida pela luta política, deve-se ter claro que ela é capaz de incorporar dimensões da subjetividade, das aspirações, dos desejos e dos interesses dos próprios sujeitos. Desse modo, a noção de cidadania que se constituiu no Brasil, a partir desse período, torna-se tão ampla que é capaz de abarcar até mesmo o direito à diferença enquanto aprofundamento do direito à igualdade. Através de uma visão progressista conquistada pelos movimentos sociais, a diferença passa a ser entendida como direito, podendo ser vivida sem que isso signifique desigualdade, discriminação ou preconceito.

É no contexto dos movimentos sociais desse período e na ampliação da concepção de cidadania que, em parte, podemos compreender também a recente ampliação do direito à educação. A partir da Constituição Federal de 1988, por exemplo, o Ensino Médio é incorporado como direito de todo cidadão. O reconhecimento do acesso a este nível de ensino, enquanto direito formal e legal, reafirmado no texto da LDB/1996, levou a uma política de ampliação das matrículas no território nacional e do reconhecimento de ter este nível de ensino como a etapa final da Educação Básica.

É importante, portanto, compreender esta mudança como resultado de um longo processo de luta histórica. Diferentes setores sociais há anos reivindicam o ingresso e a permanência por maior tempo na escola. O reconhecimento recente desse direito pode, até certo ponto, ser compreendido como resultado da mobilização e organização destes setores, como conquista de grupos até então excluídos do nível médio de ensino¹.

Além disso, é também importante considerarmos que a maior valorização dada pelas políticas públicas ao Ensino Médio responde às mudanças recentes no processo produtivo que passa a demandar um trabalhador com competências e habilidades condizentes com o recente avanço tecnológico desse setor. Em parte esta hipótese de análise é corroborada com as finalidades explicitadas na Lei de 1996 em que se define como finalidade do Ensino Médio promover o aprofundamento de conhecimentos do Ensino Fundamental, o aprimoramento do estudante como pessoa humana e a preparação para o trabalho.

Como exemplo desta relação, é possível nos atermos à análise do conjunto de reformas educacionais dos anos de 1990, que culminou com a divulgação e promoção de reforma curricular nos vários níveis de ensino. No caso específico do Ensino Médio, foram divulgados diferentes documentos. Uma das marcas importantes desses documentos está no seu alinhamento às reformas econômicas daquele momento. Há, explicitado ali, uma concepção pedagógica que se articula aos interesses de formação de um trabalhador fle-

1 Na década de 1980 no estado de São Paulo, 65% dos jovens entre 15 e 18 anos estavam fora da escola de 2º grau.

xível e capaz de adaptar às inovações de determinados setores do trabalho. Esta preocupação é apresentada de diferentes formas, mas em especial, através da ênfase dada ao conhecimento das tecnologias articuladas aos campos disciplinares que compõem o currículo.

Em outro momento, no ano de 2006, o governo federal publicou as Orientações Curriculares Nacionais. Nestes documentos, é possível percebermos a busca por uma formação ampliada e articulada com as demandas e inovações tecnológicas atuais, visando à preparação dos estudantes para o mercado profissional. É, portanto, recorrente nos documentos a pretensão de se formar um estudante no Ensino Médio que seja capaz de se adequar às inovações do mercado de trabalho, especialmente, no que se refere às novas tecnologias.

Entretanto, apesar de esforços de ampliação da oferta deste nível de ensino, pesquisas recentes têm apontado para um decréscimo das matrículas no Ensino Médio em todo o território nacional. Segundo Corbucci (2009), nos anos de 1990 houve uma intensa expansão das matrículas neste nível de ensino, no entanto, em 2005 registraram-se 138.000 matrículas a menos em relação ao ano anterior. De lá para cá, tem sido registrado decréscimo significativo neste índice. Para o autor, existe uma distinção em relação a regiões do país – regiões Sul e Sudeste são as que tiveram menores índices de matrículas – e no que se refere ao período em que é oferecido o ensino. Enquanto o Censo da Educação Básica de 2008 registrou número reduzido de matrículas no período noturno, é possível observarmos crescimento, ainda que tímido, no período diurno.

Na busca de explicações para o fenômeno, Corbucci (2009) aponta para algumas hipóteses. Segundo o autor, é possível constataremos uma redução da população brasileira na faixa etária dos 15 aos 17 anos, que se constitui no público alvo do Ensino Médio no Brasil. Além disso, há declínio, a partir de 2003, do contingente de estudantes que concluíram seus estudos no Ensino Fundamental, seja no sistema regular ou na modalidade de Educação

2 <educarparacrescer.abril.com.br/indicadores/censo-escolar-2009-mudancas-educacao-517168.shtml>.

de Jovens e Adultos (EJA). Finalmente, parece estar ocorrendo uma migração dos jovens estudantes do Ensino Médio para a modalidade de EJA, contribuindo para um processo, denominado por alguns autores, de “juvenilização da EJA”. Segundo Corbucci (2009), entre 2000 a 2006, houve crescimento em torno de 54% de matrículas no Ensino Médio nesta modalidade.

Entretanto, outro fator referente aos estudantes do Ensino Médio torna-se instigante e relevante para este texto. Pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) aponta que 40% dos jovens em idade de cursar este nível de ensino declaram não desejarem fazê-lo². Ao mesmo tempo, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), apontam que 60% dos jovens matriculados no nível médio de ensino evadem, em algum momento do curso, ou o abandonam em definitivo.

Dentre as principais causas apontadas por estes jovens para justificar o quadro de abandono e aparente desinteresse pela escola, estão questões sociais de difícil solução a partir da ação da escola, tais como, a necessidade de trabalhar e a gravidez precoce entre as garotas, até aspectos diretamente relacionados ao fazer pedagógico. Segundo matéria divulgada na *Folha de S. Paulo*, em janeiro de 2007, um número significativo de jovens declarou que a escola não é interessante e que, na grande maioria das vezes, as aulas se mostram desmotivadoras e sem sentido.

Diante desse quadro e num contexto em que ganha espaço cada vez maior o enfoque na juventude, enquanto categoria chave, para o atual momento de desenvolvimento vivido no país é importante nos indagar: quem são os jovens brasileiros de hoje? Quais suas expectativas em relação à escola?

Do ponto de vista sociológico, compreendemos a juventude enquanto fase da vida, ou seja, como a sociedade constitui e significa esse momento do ciclo de vida que é experimentada de diferentes formas pelos sujeitos jovens, a partir dos recortes de classe, gênero e etnia. Dessa forma, juventude é assumida enquanto categoria social, que se modifica histórica e culturalmente, não

delimitada por faixa etária, mas definida na luta social, especialmente naquela que se trava entre jovens e velhos. (BOURDIEU, 1983).

Diferentes autores (SPÓSITO, 1997; CARRANO, 2000; DAYRELL, 2003) têm apontado para a necessidade de problematizarmos os jovens enquanto sujeitos socialmente constituídos, apontando assim, para a compreensão da diversidade de sujeitos que constituem a categoria juventude. Refutam uma posição comumente adotada pela escola na qual se toma os jovens numa perspectiva abstrata e descontextualizada das diferenças culturais e sociais.

Muitas vezes também é desconsiderado um quadro de significativas mudanças no país, especialmente no que se refere ao envolvimento e atuação dos jovens. Dentre estas mudanças mais recentes, chama a atenção a participação efetiva destes sujeitos no cenário cultural brasileiro e sua inserção no uso de novas tecnologias.

Notícias recentes divulgadas pela grande imprensa e confirmadas pela PNAD apontam para um crescimento do uso de tecnologias e novas mídias entre os jovens brasileiros. Em um ano, afirma o estudo, mais que dobrou o número de usuários de internet no país, principalmente na região Sudeste onde se concentram 33,5 milhões de internautas. Além da internet, a pesquisa aponta para um crescimento vertiginoso do uso da telefonia móvel celular que aumentou em quatro vezes o número de usuários no prazo de um ano. Os pesquisadores afirmam que todas as faixas etárias tiveram crescimento de indivíduos com acesso à web. No entanto, é na faixa etária de 15 a 17 anos, público alvo do Ensino Médio, que se concentra uma parcela significativa desta população: 7,3 milhões de jovens. Este total de jovens conectados representa um percentual de 71,1% do total da população de internautas³ do país.

Estes dados contribuem, de certo modo, para a confirmação da tese defendida por Lévy (1999) acerca do crescimento do ciberespaço. Segundo o autor, este novo meio de comunicação resultante da interconexão mundial dos computadores resulta do movimento internacional de jovens ávidos por

3 <www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1708&cd_pagina=1>.

experimental, coletivamente, novas formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas propõem.

A Revolução Digital, que se intensificou com a comercialização da internet a partir de 1990, trouxe novos desafios à escola.

A grande questão da cibercultura [...] é a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizada (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada dos saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, do reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências (LÉVY, p. 172).

Dessa forma, parece relevante nos atermos a compreender as implicações culturais desse processo, em especial, entre os mais jovens.

Para Lévy (1999), a cibercultura é compreendida como “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço [...]” (p. 17). Dentre algumas destas mudanças é possível destacarmos a certeza de que o “todo” está definitivamente fora do alcance e que, cada vez mais, as significações deverão ser parciais, móveis, mutáveis, em devir.

Diante destas mudanças que têm impactado diretamente os jovens – público alvo do Ensino Médio –, é possível observar que ainda estamos longe de possíveis articulações entre a escola e o universo juvenil. Na tentativa de romper com esta situação, acredito que seria necessário nos perguntarmos: quem são e o que querem os jovens, estudantes do Ensino Médio? Entendemos que uma possibilidade investigativa relevante na tentativa desta aproximação está na realização de pesquisas voltadas para o cotidiano das escolas em que se procure aproximação da realidade vivenciada por estudantes e professores.

É a partir de uma investigação que está sendo realizada em escola estadual na cidade de Campinas (SP), que pretendemos, aqui, apresentar algumas possibilidades de compreensão sobre quem são esses jovens estu-

dantes que têm chegado ao Ensino Médio atualmente e sua íntima relação com as novas tecnologias.

A escola investigada foi fundada em 1979 e está localizada, desde então, no Distrito de Barão Geraldo, anteriormente um bairro rural de Campinas. Tornou-se distrito em 1953 graças a uma mobilização da população residente na área. O distrito tem passado por transformações significativas e muito rápidas nos últimos anos: do bairro rural, que recebeu famílias imigrantes no início do século XX, a um distrito com características de centro urbano desenvolvido cultural e tecnologicamente. Atualmente sedia três grandes universidades, comprometidas com a produção científica e tecnológica do país, ao mesmo tempo em que convive com bairros marcados pela paisagem e pela sociabilidade da origem rural do distrito. O novo contexto do distrito parece se tornar um elemento importante para a investigação aqui proposta. Interessa-nos, a partir da escola, analisar de que forma as novas figurações⁴, no sentido de Elias (2006), se constituem e se expressam no contexto escolar. No entanto, esta motivação investigativa não será enfocada neste texto.

No ano de 2009, havia 120 estudantes matriculados no Ensino Médio da escola, sendo 58 no primeiro ano, 39 no segundo e 23 alunos no terceiro ano. Chama atenção o número reduzido de estudantes neste nível de ensino. Ainda não temos informações suficientes que nos permitam tecer análises acerca deste quadro, mas é recorrente entre gestores e professores da escola a afirmação de que o bairro onde se localiza a escola, “envelheceu”, não havendo mais jovens que demandam pela matrícula nas séries do nível médio de ensino. Outra hipótese bastante pertinente e que se aproxima de estudos no território nacional, é a transferência de muitos desses estudantes para a modalidade EJA. Na escola investigada, o Ensino Médio no período noturno só é oferecido nesta modalidade.

Como parte da pesquisa lá realizada, distribuímos questionários para todos os estudantes da escola na busca de compreender quem são os jovens que frequentam aquela escola, buscando levantar indícios da relação entre as

4 Segundo Elias (2006), esse conceito inclui expressamente os seres humanos em sua formação. Podemos entender figuração como “[...] uma extensa teia de pessoas e instituições interdependentes, ligadas simultaneamente por várias dimensões [...]” (WACQUANT, 2008, p. 53).

novas tecnologias e mídias e o processo de ensino- aprendizagem. Para este texto, vamos nos ater aos 83 questionários respondidos, do total de estudantes das três séries ano do Ensino Médio.

É possível notar que, na sua maioria, os estudantes possuem entre 14 e 18 anos. No primeiro ano existe maior distorção idade-série que diminui nos anos seguintes, especialmente no terceiro ano. Há, aqui, também uma proximidade com os dados nacionais, que apontam para uma situação de decréscimo de matrículas no 1º ano do Ensino Médio, tornando-se esta uma série de alto índice de evasão e repetência.

Na busca de aproximação e compreensão acerca destes jovens, um dado nos chama a atenção em especial, em razão do objetivo maior da investigação, ou seja, compreender a relação entre o uso das novas tecnologias e o processo de ensino-aprendizagem. Observamos que 71,7% dos estudantes, afirmaram ter acesso a computador e internet. No entanto, alguns dos que têm computador não têm acesso a internet e outros têm acesso a internet sem possuir computador, o que nos faz pensar que muitos destes estudantes utilizam-se de espaços como *lan house* para acessar a rede.

Outro dado significativo é a informação de que 94,6% destes jovens têm acesso ao celular. Neste caso, é possível, ao confrontarmos com dados nacionais divulgados pelo *site* www.folhaderondonia.com.br, observamos a massificação do uso do telefone celular, especialmente entre os jovens. Segundo a referida matéria, o celular consome 20% do orçamento dos jovens e, 39% dos adolescentes e jovens entre 12 e 19 anos, consideram o celular um companheiro inseparável. Para muitos deles, o celular “combina com o estilo jovem”.

Partindo deste quadro, faz sentido neste texto problematizar a forma como tais transformações atingem estes jovens no que se refere à sua relação com a escola. As novas tecnologias têm impactado não só a subjetividade dos jovens mas, até mesmo, seus corpos. Segundo Canclini (2008), os jovens incorporam plenamente as novas tecnologias, “as colam ao corpo como um elemento a mais da indumentária”. No caso do celular, pesquisadores apontam, a

partir de entrevistas com jovens que, para muitos, estar sem o aparelho celular é como estar nú. O celular é, segundo Canclini (2008), um recurso para novas experiências corporais (os pais não sabem onde estão e o que fazem com seus corpos) e de comunicação, uma vez que garantem maior privacidade.

O fascínio exercido pelas novas tecnologias entre os jovens brasileiros, pode ser compreendido, até certo ponto, na medida em que se pauta por uma linguagem e se configura, muitas vezes, em diversão. Possibilitam ainda a interação e a comunicação entre os sujeitos. Esse é, talvez, um dos usos mais frequentes da internet feito pelos jovens pesquisados. Utilizam, na sua maioria, a internet para acessar as redes sociais e manterem assim contato com colegas, amigos ou conhecer e ampliar sua rede de conhecidos. Segundo Dayrell (2003, p. 13)

[...] os jovens são aqueles que mais sentem os efeitos da ampliação do acesso às informações, do crescimento dos estímulos e oportunidades para a ação individual, tanto reais quanto simbólicas... São mais receptivos à dimensão simbólica [...]

Esse dado aproxima-se de pesquisas realizadas nos Estados Unidos com sujeitos da mesma faixa etária. Segundo Stern e Willis (2009), os jovens americanos utilizam a internet principalmente por razões sociais. Se para alguns adultos este parece uso pouco produtivo, os autores destacam exatamente o contrário, ou seja, a potencialidade desta ferramenta por proporcionar a construção de relações sociais e dar condições para “brincar com estilos de auto-expressão, quando os adolescentes compreendem que eles são, [o que] é tão funcional em nível de desenvolvimento quanto divertido” (p. 258).

Para além do uso do computador e da internet como meio de promover o encontro e a convivência entre pares, é também perceptível seu uso para pesquisa e busca de informações, o que pode contribuir para uma postura mais ativa dos sujeitos no seu processo de aprendizagem. Afinal de contas, manter-

se por dentro do que acontece, em especial na cultura popular, é uma preocupação constante entre os jovens internautas, afirmam Stern e Willis (2009).

No entanto, na escola pesquisada, semelhante ao encontrado por Martins e Castro (2010), é possível observarmos que a instituição segue seu curso tentando ignorar as mudanças e esses jovens “antenados” com e no mundo.

Em entrevistas com um grupo desses estudantes, é possível afirmarmos que os jovens reconhecem na escola um importante espaço de aprendizagem, mas apontam para dificuldades na relação com esta instituição.

Uma das hipóteses que levantamos nesta tensão, está relacionada à permanência do trabalho escolar orientado por uma lógica própria de gerações que não vivenciaram estas mudanças tecnológicas. Apesar de haver sala de informática na escola pesquisada, ela quase não é utilizada para atividades durante as aulas. As condições dos equipamentos são precárias, principalmente no que se refere a manutenção. Há uma falta de proporção na relação máquina-estudante.

A disseminação do acesso à internet, além da aquisição de máquinas e programas, pode permitir minimizar a situação de isolamento de algumas escolas, em determinadas localidades. A precariedade de recursos disponíveis na escola, somada à velocidade e ao volume de informações em circulação, agrava ainda mais essa situação de isolamento, reduzindo as possibilidades de inserção social dos jovens e adultos atendidos pelo Ensino Médio. O acesso à informação é condição para trabalhar a perspectiva de produção de conhecimento pelos alunos (SOUZA; PORTELLA, 2008, p. 68).

Além disso há uma resistência do próprio docente na sua interação com a máquina. Seja pelo receio de usá-la, ou por manutenção de uma lógica linear e fragmentada na relação com o conhecimento escolar. Certa vez ouvimos de um professor de matemática, na sala dos professores, que seus alunos de-

mandavam a ida à sala de informática e que ele acabaria por levá-los só para perceberem que resolveriam no computador os mesmos problemas que eram resolvidos em sala de aula. A fala deste professor contribui para que percamos a ingenuidade, se é que a tivemos em algum momento, de que não está nas tecnologias e em seu uso na sala de aula a pontecialidade de mudanças significativas no processo pedagógico, mas sim na mudança de concepção e relação com o conhecimento entre docentes e estudantes.

Segundo Abreu e Nicolaci-da-Costa (2006), pesquisas realizadas com professores acerca do uso das novas tecnologias, apontam para a vivência de sentimentos de ansiedade, preocupação, medo e prazer. Estes profissionais, em contato com as novas ferramentas tecnológicas, vivenciam um confronto entre o “velho” regime cognitivo escolar de recepção de conhecimento e o “novo” regime cognitivo da busca de conhecimentos e descobertas. Ao mesmo tempo, as pesquisas revelam que não alteraram significativamente sua prática, apesar do contato com a ferramenta.

Cerca de metade dos alunos que responderam ao questionário declararam gostar de ler livros e revistas. Apenas um estudante manifestou sua aversão a leitura. Dentre os títulos citados encontram-se: *Caçador de pipas*, *Harry Potter*, *Crepúsculo*, ou livros de poesias, romance, terror, piadas e aventura. Muitos jovens indicaram ainda como leituras preferidas aquelas realizadas na internet, seja em *sites* variados ou nas redes sociais. Apesar da presença de alguns clássicos na lista dos livros lidos preferencialmente, é possível constatar a ênfase no que há de novo, nos títulos amplamente difundidos pela mídia. Ainda é necessário explorar mais sobre os “novos leitores”. Segundo Canclini (2008) é possível afirmar que, com a internet, mudou a maneira de ler, ou seja, agora o leitor pode intervir no texto eletrônico, além disso, segundo o autor “[...] diminuam os ‘leitores fortes’ (extensivos ou intensivos), enquanto aumentam os ‘leitores fracos’ ou ‘precários’, que, face aos ‘livros adultos’, sentem que ‘perdem tempo’, mantêm imóvel o corpo, ‘como uma forma de morte’[...]” (CANCLINI, 2008, p. 58 – citando frases encontradas em pesquisa francesa sobre leitura).

Tais mudanças possivelmente estejam também articuladas ao imediatismo que tem permeado a cultura contemporânea, muitas vezes em razão da presença cada vez mais marcante das novas tecnologias na vida e nas relações sociais contemporâneas. Dessa forma, segundo Martins e Castro (2010), a informação instantânea passa a ser a modalidade de comunicação e não mais a narrativa histórica e linear de tempos atrás. Novos modos de perceber, interagir e aprender estão se formulando.

2 Algumas considerações

É possível constatar a grande preocupação com a formação para o mercado de trabalho contemporâneo presente nos documentos curriculares e políticas atuais para o Ensino Médio, no entanto, esta relação não pode ser confundida com submissão ao “[...] imediatismo preconizado pelo mercado de trabalho [...]” (OLIVEIRA, 2009, p. 54). Embora haja ênfase na temática da formação profissional e na inserção no mercado, os estudantes do Ensino Médio na escola pesquisada, trazem, em suas falas, uma compreensão ainda insuficiente para quem está concluindo a educação básica.

Ao mesmo tempo, os jovens estudantes dessa escola apresentam uma imersão significativa nas transformações culturais e sociais de seu tempo. Estão “antenados” com o mundo através do uso de tecnologias próprias de sua época. Se não apresentam grandes informações acerca do mundo do trabalho, demonstram, ao mesmo tempo, ter conhecimento de novidades postadas e difundidas cotidianamente pelos meios de comunicação de massa. Não há, muitas vezes, nenhum recurso para filtrá-las ou problematizá-las, como era o que se esperava de estudantes que cursam as séries finais da educação básica.

Nesse sentido, é possível afirmar que os dados encontrados apontam para uma crise da educação, ou seja, uma redução do comprometimento da escola, naquilo que Canclini (2008) chama de “formar aptidões culturais”,

proporcionar aos jovens estudantes a possibilidade de transitar de forma crítica por estes novos espaços.

Não se pode superestimar as mudanças de hábitos culturais gerados pelas inovações tecnológicas, ao mesmo tempo, é também importante compreendermos que [...] também na Rede o poder está desigualmente distribuído e desregulado [...] (CANCLINI, 2008, p. 88).

Faz-se necessário investir em pesquisas que busquem compreender os usos que os jovens, estudantes do Ensino Médio têm feito das tecnologias contemporâneas, especialmente da internet. Desta forma, poderemos nos aproximar dos diferentes sentidos que atribuem a este recurso e os diferentes modos como operam com estas ferramentas. Este é um caminho que poderá contribuir para se repensar os sentidos atribuídos à escola e ao conhecimento escolar para a geração de jovens da contemporaneidade. “Ouvir o que os jovens têm a dizer sobre suas experiências na internet é provavelmente o melhor ponto por onde começar (STERN; WILLIS, 2009, p. 269) na tentativa de reorientar o processo educativo.

YOUTH, TECHNOLOGY AND SCHOOL: SOME APPROACHES

In the last years, we have verified an aggravating drop-out rate in the Brazilian High School Education. Recent researches reveal a strong lack of interest in the institution, from the part of the youth, between the age of 15 to 17. In this text, we intend to assess to what extent the insertion of these young people into the contemporary communicational universe, marked by the technology emergence, specially the internet, can contribute to this scene. From the researches carried out in public school in the city of Campinas (SP), we tried to measure possible impacts of the use of these technologies in the relation of these subjects with knowledge and the institution.

KEY WORDS: youth, technology, school, high school, relation with knowledge.

Referências

- ABREU, Rosane; NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Mudanças geradas pela internet no cotidiano escolar: as reações dos professores. *Paidéia*, v. 16, n. 33, p. 193-203, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. *Questões de Sociologia*. RJ: Marco Zero, 1983.
- CANCLINI, Néstor. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CARRANO, Paulo César. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Revista Movimento*. Faculdade de Educação/UFF. Rio de Janeiro. DP&A, 2000.
- CHARLOT, Bernard (org.). *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- CORBUCCI, Paulo Roberto. *Sobre a redução das matrículas no Ensino Médio regular*. Brasília, DC: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2009.
- DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. *Anos 90: Política e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DAYRELL, Juares. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, set./out./Nov./dez. 2003.
- EDITORA ABRIL. <educarparacrescer.abril.com.br/indicadores/censo-escolar-2009-mudancas-educacao-517168.shtml>. Acessado em: 10 out. 2010.
- OLIVEIRA, Ramon de. Possibilidades do ensino médio integrado diante do financiamento público da educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 35, n.1, jan./abr. 2009.
- SOUZA, Sandra; PORTELA, Romualdo. Ensino Médio noturno: democratização e diversidade. Curitiba, UFPR, *Revista Educar*, n. 30, 2008.
- SPÓSITO, Marília. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. Juventude e contemporaneidade, São Paulo, ANPED, n. 5/6, 1997.

STERN, Susannah; WILLIS, Taylor. O que os adolescentes estão querendo *on-line*? In: MAZZARELLA, Sharon e colaboradores. *Os jovens e a mídia*. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

ZIBAS, Dagmar. A reforma do Ensino Médio nos anos de 1990: o parto da montanha e as novas perspectivas. *Revista Brasileira de Educação*, n. 28, jan./fev./mar./abr. 2005.

WACQUANT, Loïc. *As duas faces do gueto*. São Paulo: Boitempo, 2008.

Recebido em 6 ago. 2010 / Aprovado em 7 dez. 2010

Para referenciar este texto

ZAN VIOLAR, D. D. P. Juventude, Tecnologia e Escola: algumas aproximações. *EccoS*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 347-363, jul./dez. 2010.

